
RESENHA DO ROMANCE *ESPIRAL*, *DE DAU BASTOS*

Erick da Silva Bernardes⁵⁷

O romance *Espiral* é uma narrativa em terceira pessoa cujo enredo se passa em Nasceia, município de Boca da Mata, no interior de Alagoas, época marcada pela ditadura militar. Ainda que o período histórico ditatorial não se configure um tema central em seus enunciados, o texto pontua a trama com evidências da opressão exercida pela autocracia do governo sobre os cidadãos brasileiros. Publicada pela editora Ponteio, a obra é escrita por Dau Bastos, também ele alagoano, e apresenta linguagem fluida, sem aqueles impertinentes rebuscamentos de estilo. A trama possui diversos fios condutores, porém, os seus destinos convergem à vida de Hortência, personagem principal da história. O texto de Bastos está longe do crescente autobiografismo dos *best-sellers* mais comerciais, mas há, notadamente, um livre trânsito entre o passado e o presente do Brasil que, se não embasa o discurso romanesco, ao menos constitui o caráter movediço entre história e criação, como elementos específicos na composição da obra.

O exercício de escrita equilibrada, entre política e discurso fabular, talvez reflita o professor experiente que conhece bem o panorama educacional e literário do Brasil. Consoante ao que Bastos afirma tempos atrás, em entrevista concedida ao *Jornal Educação Pública*: a “rigor, o professor de Literatura tem de conhecer bem crítica, história e teoria literárias” – e isso confirma o seu bem fundamentado projeto literário. Ser ficcionista exigiria do autor inegável esforço, com vistas a “encontrar as palavras mais adequadas, o empenho em harmonizar os vocábulos, a atenção ao ritmo da frase, o cuidado com a roteirização dos conteúdos” (BASTOS, 2012, s/p), a fim de construir, como o faz agora em *Espiral*, uma trama complexa pautada no dia a dia comum de uma geografia interiorana nordestina.

Dividido em onze capítulos ou seções, cujos títulos compõem-se de uma só palavra (Sururu, Alforria, Biroasca, e adiante) cada divisão se desdobra em vários outros subcapítulos, igualmente monovocabulares. Aos nomes dessas subdivisões reflete o efeito das pequenas ações cotidianas que ilustram a trama, e percorrem desde o viés romanesco das aventuras ou

⁵⁷ Mestrando em Estudos literários do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN), na Faculdade de Formação de Professores (FFP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

peripécias de crianças e adultos, moças e rapazes, passando pelo psicologismo dos personagens, nos seus variados problemas corriqueiros de relacionamentos até ao drama mais intenso, confirmado pelos óbitos excêntricos ocorridos na pequena Nasceia.

Construída sobre um pano de fundo voltado para o ambiente escolar, seus personagens transitam ora pela ludicidade das pequenas ações cotidianas, acerca de alunos e alunas em suas peripécias infanto-juvenis, ora por assuntos e questões que ultrapassam a banalidade dos fatos, indo além de um simples livro de aventuras adolescentes. O investimento consciente nos períodos longos, com frases majoritariamente subordinadas, talvez dificultasse a compreensão do leitor, se acaso os seus enunciados não fossem equilibrados pelo vocabulário facilitado pelo artista; estratégia aliás típica de quem busca aquele traço de oralidade que tanto atrai o interlocutor contemporâneo. Soma-se a isso, a maneira perspicaz com que a voz narrativa apresenta a própria fórmula produtora de seus extensos enunciados, especialmente quando este referencia o hábito de leitura da protagonista Hortência. De acordo: “..chegou à conclusão de que decorre do planejamento que os escritores imprimem mesmo às narrativas com aparência de desgovernadas (como aquelas em que cada parágrafo é feito de uma só frase).” (BASTOS, 2017, p. 95).

Assim, enquanto “o homem alcança a Lua e Woodstock revoluciona os costumes”, conforme a quarta capa do livro anuncia (BASTOS, 2017), “a eletricidade liga o território, a televisão integra mesmo as localidades remotas e a seleção sai das eliminatórias certa de que abiscoitará o tri” (BASTOS, 2017). Se por um lado, a sensualidade da professora Hortência unida ao porte atlético do electricista Lux imprimem no enredo o elo coesivo e caricato das histórias de amor estilizadas, por contraponto, a criança Rita apresenta obesidade, e por isso ela sente na pele o *bullying* que o padrão estético da recém-chegada tevê impõe ao biótipo físico. Além da desproporção apontada entre o corpo franzino e a cabeça do personagem de QI agigantado Tavinho. Sem deixar de tocar em assuntos tão delicados quanto o racismo pesaroso que assombra Xexéu e Berônio, ou o preconceito velado sobre a psicopatologia de Popó, prenúncio da metamorfose que acomete o hábil e corajoso Lux à pedófilo levado à queda no embate contra o irascível Vilmar.

Embora *Espiral* varie estruturalmente dos livros anteriores escritos por Bastos, é importante salientar o olhar crítico do autor para com as questões sociais atreladas aos desmandos das instituições públicas, mostrando-se fundamentalmente como um dos traços temáticos mais recorrentes na sua estética. Sendo assim, se em *Mar negro* (2014), sua narrativa lança mão de uma protagonista nordestina, alagoana, de nome caricatural Anderline, não por acaso, em *Reima* (2009), sua ficção lega ao interlocutor um enredo que contém (dentre outras

trajetórias de personagens) migrantes nordestinos em busca de melhores condições de vida. Além, é claro, de *Das trips, coração* (1993), romance no qual o autor procurou construir uma história ambientada em Pernambuco, na década de 70, acerca de um estudante leitor de gibis e ávido por *rock'n roll*. Logo, não será equivocado afirmar que *Espiral* reforça esses elementos peculiares e recorrentes na obra de Dau Bastos, sem prejuízo algum ao seu objeto artístico, a saber: a preocupação com a condição social dos nordestinos, a precária educação existente no Brasil e os jogos de linguagens característicos dos seus narradores.

São histórias de crianças, homens e mulheres que se entrecruzam, e possibilitam ao leitor tomar contato com questões sobre a violência disfarçada, dentre as quais vão desde a aplicação da palmatória, usada com frequência pela diretora da escola Ézina, como punição à falta de empenho escolar dos jovens personagens, até situações mais complexas, como a compra de votos nas eleições municipais, por Naza, personagem extremamente capitalista. Ademais, a trama põe o interlocutor em contato com maquinações políticas eleitorais, aspectos sociais deficitários decorrentes da má administração pública e a péssima distribuição de renda, não de todo estranhas aos cidadãos brasileiros.

Enfim, não será exagero afirmar que, ao compor o romance *Espiral*, Dau Bastos se vale da ficção com a destreza de mão que lhe é peculiar. Embora, na orelha do livro, Rosa d'Aguiar (2017) postule que o autor: “Com esta prosa, leva adiante o esforço de criar ficcionalmente suas raízes, situadas entre o litoral e o agreste alagoanos”, fatalmente qualquer crítico que se disponha a encontrar algum *alterego* do autor, decerto fracassará. Pois, no mundo literário em que criou, cada história de cada personagem é um giro a mais nesse pião do tempo chamado história, segundo o qual, de maneira alguma, põe-se a mover somente sobre o eixo sul-sudeste do Brasil.

Referências

BASTOS, Dau. *Espiral*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2017.

CRUZ, Mariana. “Dau Bastos: entre a teoria e a pratica” In: *Jornal Educação Pública*. Rio de Janeiro: Cederj, 2012.

Recebido em 05/10/2017.

Aceito em 02/11/2017.